



Análise semiótica dos afetos no *fact checking* sobre a covid-19

Vinicius Prates¹

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

Heloisa Pereira²

CENCIB/PUC-SP

Resumo: Este artigo³ analisa um conjunto de 86 notícias falsas sobre a covid-19, identificadas e verificadas pelo site de *fact checking* Boatos.org. O objetivo é identificar o que esses textos tematizaram no período da pandemia, como os enunciados figurativizaram os principais actantes envolvidos e como instauraram um circuito de afetos. As análises foram realizadas com base em autores da teoria comunicacional da circulação e da semiótica tensiva. O estudo aponta que a circulação dos enunciados a respeito da doença convoca sujeitos que já estão dispostos, por uma protomodalização, a desenvolver um trajeto que rompe o contrato fiduciário simulacral oferecido pelas democracias liberais, indo da frustração à agressividade.

Palavras-chave: *fake news*; *fact cheking*; pandemia; circuito dos afetos

As *fake news* vão além de notícias maliciosas em websites. Também circulam como vídeos e arquivos de áudio em grupos fechados de sites de redes sociais. Elas podem incluir desde uma narrativa totalmente ficcional até informações capciosas dentro de um texto (PEREIRA; PRATES, 2020). Em uma época de grande risco à saúde públi-

¹ Vinicius Prates é Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professor do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (CCL-UPM) e coordenador-adjunto do Grupo de Estudos em Mídia Impressa 1 Dia 7 Dias (COS/PUC-SP). E-mail: viniciusprates.vp@gmail.com

² Heloisa Pereira é Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e pesquisadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Ciberultura – CENCIB (COS/PUC-SP). E-mail: heloisapereira.hp@gmail.com

³ Dados parciais desta pesquisa são apresentados em artigo submetido à revista Rizoma (Unisc) e aprovado pelo comitê editorial.

ca, elas podem frustrar medidas de prevenção e agravar o quadro da pandemia, potencialmente aumentando o número de contaminações e mortes.

O fenômeno das *fake news*, na dimensão que se apresenta, está estreitamente relacionado à atual configuração do capitalismo comunicacional (PRADO; PRATES, 2017), no qual os fluxos contínuos propiciados pelas redes sociotécnicas instauram um processo de circulação que rompe com o esquema das mídias de massa.

Dessa forma, a comunicação em fluxo não forma um circuito fechado, mas continuamente direcionado adiante, como diz José Luiz Braga (2012, p. 49). Pelo entrecruzamento cultural dos múltiplos circuitos, as ideias, imagens, posições, podem se contrapor, se reforçar, arrefecer ou retornar: “O ‘retorno’ que consideramos relevante, neste nível, é do circuito ampliado e não a volta imediata ao ponto de partida” (BRAGA, 2012, p. 49. Tradução nossa). Esse circuito ampliado, essa configuração de fragmentação e difusão dos conteúdos que se entrecruzam em circuitos de homologação ou antagonismos, de reconhecimento ou recusa, e portanto de produção de sentidos, é o bioma que propiciou a evolução das *fake news*.

Entendemos ainda que outro fator contribui para a proliferação de notícias falsas, ao mesmo tempo que delas se reatualiza: a polarização política, que fecha um “circuito do ódio” (PRADO; PRATES, 2019a). Para pensarmos nesses termos, remontamos às Jornadas de Junho de 2013, que entendemos como *evento*, no sentido de Badiou (1994; 2009) e Žižek (2014). Ali, houve um ponto zero, a partir do qual, com o decorrer do tempo, desdobraram-se fidelidades políticas em direção a posições antagonistas. Nesse processo de, por assim dizer, decaimento do evento em direção aos sentidos, criaram-se vivos antagonismos que hoje opõem a sociedade brasileira internamente. Na *Semiótica das paixões*, Greimas e Fontanille descrevem esse processo, da maneira que entendemos poder ser aplicada ao caso brasileiro, nos seguintes termos:

Segundo a lógica das “forças”, ao máximo de tensão corresponderia – i.e: daria conta de ou se explicaria por – a ausência total de articulações. A aparição das “posições” característica das articulações do conteúdo requereria, ao contrário, redistribuição e divisão das “forças” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, pgs. 23, 24).



No momento zero, o evento irrompe com o máximo de tensão e o mínimo de legibilidade. A partir daí, as articulações distribuem as posições de sujeito. Para permanecer no campo da semiótica tensiva, agora com Fontanille e Zilbelberg, é possível haver dois regimes de valência, o princípio da exclusão e o princípio da participação, que convocam valores dois a dois:

O regime da exclusão tem por operador a triagem e, se o processo atinge seu termo, leva à confrontação contensiva do *exclusivo* e do *excluído* e, para as culturas e as semióticas que são dirigidas por esse regime, à confrontação do “puro” e do “impuro”. O regime de participação tem por operador a mistura e produz a confrontação distensiva do *igual* e do *desigual*: no caso da igualdade, as grandezas são intercambiáveis, enquanto no da desigualdade, as grandezas se opõem como “superior” e “inferior” (FONTANILLE; ZILBELBERG, 2001, pgs. 28, 29. Itálicos dos autores)

Interessa-nos particularmente o regime da exclusão, que segundo os mesmos autores tem por operador a disjunção, ou seja, uma relação “ou...ou” (FONTANILLE; ZILBELBERG, 2001, p. 27), porque entendemos ser este o prevalente numa situação de polarização política. Um processo durativo de colocação em discurso de enunciados de pejoração cria, como antagonistas inconciliáveis, o Outro inimigo que deve ser afastado ou eliminado, ao mesmo tempo em que reforça as identificações de pertencimento, do Mesmo (PRADO; PRATES, 2019b).

A circulação dos enunciados a respeito da doença convocam os sujeitos que já estão dispostos por uma protomodalização, tensiva e homogeneizante, que Greimas e Fontanille (1993, p. 71) chamam de “excedente modal regente”. Neste caso específico, as articulações modais que direcionam um programa narrativo ao afeto do ódio (como veremos nos estudos de caso), são dependentes de, a montante, no nível da tensividade fórica, haver sujeitos tensivos dispostos, pelo ambiente de polarização, a responder a estas convocações. É esta disposição prévia que faz com que hipotéticas modalizações internas incompatíveis no programa narrativo apareçam como simples transições paradoxais, e não como impeditivas fraturas.

O trabalho de checagem de fatos tornou-se, na era da circulação, um dos mais relevantes do jornalismo, já que visa confrontar as versões espalhadas pela rede com checagens e contraprovas. São procedimentos técnicos recomendados aos profissionais

da imprensa pelos manuais de redação e cursos de graduação da carreira. Segundo o Portal Imprensa (2020, online): “A checagem de fatos representa a retomada ao conceito mais básico do jornalismo: a apuração”. O mesmo website relaciona numa lista em ordem alfabética as dez principais agências de *fact checking* do Brasil, na qual está incluída o Boatos.org. O coletivo foi escolhido para esta pesquisa por ter criado uma editoria específica para a checagem de notícias sobre a covid-19. Em sua página, o editor do blog assim define o trabalho do grupo: “Este espaço foi criado justamente para combater algumas destas mentiras que são contadas online. A intenção com o boatos.org é justamente prestar um serviço para o usuário da internet” (MATSUKI, 2020, online).

1. Em busca de uma definição semiótica de *fake news*

Uma das questões mais relevantes e problemáticas nos estudos de comunicação neste momento, entendemos tem sido diferenciar o trabalho dos *spin doctors* dos produtores de *fake news*.

Os primeiros foram dicionarizados como especialistas “responsáveis por garantir que outras pessoas interpretem um evento de um ponto de vista específico” (MERRIAN-WEBSTER, 2020, online. Tradução nossa). Atuam, portanto, para adaptar os “fatos” que vão se sucedendo, e que são expressos pela mídia tradicional, como as notícias políticas, criminais, culturais, e assim por diante, à sua plataforma discursiva. Os analistas simbólicos, ou *spin doctors*, em tese não criam “fatos”, mas adaptam as intervenções pontualizantes enunciadas pelas mídias tradicionais à duratividade do programa de base que estabelece uma axiologia entre mesmidade e alteridade. Desta maneira, para a criação do simulacro passional, que é dependente de um trajeto reverso, de uma recombinação da enunciação sobre o sujeito tensivo, o destinador preserva os actantes (humanos e não-humanos) do programa narrativo, mesmo alterando a sintaxe intermodal.

No caso das *fake news*, a falsidade é produzida por inserções ou subtrações maliciosas de actantes no nível semionarrativo, de forma criar-se um atalho, um curto-circuito, entre os “fatos” pontualizantes apresentados pela grande mídia e a plataforma discursiva. Ambos buscam eliminar nesse trajeto as arestas e incompatibilidades entre as notícias e as expectativas do sujeito da tensividade fórica, protomodalizado, mas por

vias diferentes: os *spin doctors*, no limite último, mas ainda dentro do contrato fiduciário (a “verdade” é preservada, apesar de ressignificada); os produtores de *fake news*, para além dele, porque sobredeterminam o *saber não ser* e portanto *dever não fazer*, inscrito na instância “superegógica” do contrato, por um *querer fazer crer* e *poder fazer crer*, que produzem um *tort* entre o sujeito do estado e sujeito da ação.

2. Temas e figuras das *fake news*

Passemos à análise do *corpus*, buscando descrever como o enunciador constrói os temas e figuras nos textos. Avaliamos 86 conteúdos revisados pelo Boatos.org. O website é um coletivo de *fact checking* fundado em 2013. Foram consideradas todas as notícias sobre a covid-19 do mês de abril. Vejamos, então, coligidos por assuntos, em ordem decrescente, quais foram as tematizações e figurativizações das *fake news*¹, para adiante analisarmos os afetos nelas envolvidos:

Assunto	Quantidade
Falsa ciência	17
Contra a China	14
Contra isolamento	12
Contra os governadores	8
Negação da existência da pandemia ou de sua gravidade	6
Falsas promoções	6
Contra o PT	3
Auxílio emergencial	3
Outros	17

a) Falsa ciência: a principal tematização dos produtores de *fake news* a respeito do novo coronavírus foi a divulgação de pesquisas científicas a respeito do vírus que provoca a covid-19, suas formas de reprodução, possíveis drogas ou procedimentos de cura, e assim por diante. Foram falsas reportagens que de alguma forma emularam o estilo do jornalismo científico, citando fontes médicas ou universitárias. Algumas delas ofereci-



am receitas caseiras, referindo-as como testadas, como no seguinte caso: “Beber água de 15 em 15 minutos previne o novo coronavírus” (05/04/2020); ou então: “Mistura de alho, açafrão e limão previne e cura o coronavírus” (08/04/2020). Também há casos nos quais instituições prestigiosas são colocadas em evidência para provocar no enunciário a expectativa da validação científica, como em: “Hospital John [sic.] Hopkins publicou lista de 19 dicas sobre a Covid-19 (coronavírus)” (05/04/2020). Coligimos sob esta rubrica as falsas notícias que tematizavam a cloroquina, droga que foi recomendada pelo Ministério da Saúde pouco depois da demissão do segundo ministro a enfrentar a pandemia. Foram três casos, todos eles referindo-se de forma positiva ao medicamento, como em “FDA autorizou uso da hidroxicloroquina em todos os pacientes com Covid-19 nos EUA” (09/04/2020).

b) Contra a China: a potência asiática é a segunda tematização mais frequente nas *fake news* arroladas. Ela é sempre figurativizada como Outro malévolo, por duas vertentes principais. a) No primeiro caso, a China criou especificamente e de forma intencional o vírus em laboratório, e agiu deliberadamente para espalhá-lo pelo mundo. Concede-se eventualmente que a culpa não seja intencional, mas por desleixo e omissão. Pode-se citar, neste caso, as seguintes notícias: “Washington Post confirma que infecção por coronavírus surgiu no laboratório de Wuhan” (20/04/2020); ou então “Máscaras da China compradas por Mandetta estão contaminadas com coronavírus” (17/04/2020). Por vezes o país divide a “culpa”, como neste caso: “Hackers descobrem que Bill Gates, OMS e laboratório de Wuhan criaram o coronavírus a partir do HIV” (23/04/2020). b) No segundo caso, que é complementar ao anterior, aparece o motivo pelo qual a China estaria provocando a pandemia: vantagens comerciais que a tornariam uma potência hegemônica. Podem ser observadas, nas seguintes publicações, esta figurativização de um país ganancioso, solerte, capaz de cometer atrocidades pela sua posição geopolítica: “China compra empresa aérea Azul durante pandemia do novo coronavírus” (08/04/2020); ou então: “Pirelli, Volvo e Syngenta foram vendidas para a China durante a pandemia do coronavírus” (10/04/2020). Somadas, estas vertentes convocam o enunciário a aderir à tese que a pandemia ocorre por culpa da China, e que para ela ter assim procedido, ma-



tando centenas de milhares de pessoas no mundo todo, há motivos argentários: buscar vantagens comerciais e tornar-se a potência comercial hegemônica no planeta.

c) Contra isolamento: neste caso, por meio de dados falsos, os textos buscam posicionar o enunciatário contra o isolamento social, também por duas vertentes: ou porque a medida não é efetiva e pode até mesmo ser contraproducente, ou porque é autoritária. a) No primeiro caso, temos, textos como estes: “Prefeito de Curitiba diz que não mandou fechar nada e, mesmo assim, cidade tem zero mortes” (19/04/2020); “OMS muda discurso e admite que isolamento aumenta contaminação da Covid-19” (19/04/2020). b) Já, no segundo caso, pode-se mencionar: “Dono de lava jato de Maringá é morto pela Guarda Civil por não respeitar quarentena do coronavírus” (09/04/2020); “PM de SP obedece ordens de Doria e agride idoso que saiu na rua na quarentena” (16/04/2020). Percebe-se nestes dois últimos exemplos como o enunciador busca figurativizar as autoridades locais como ditatoriais, chegando ao ponto de associá-las à violência física contra um idoso ou mesmo ao assassinato de um empresário, um sujeito aderido à mesmidade do programa de base da direita do espectro político, por uma transgressão menor, desrespeito à quarentena.

d) Contra os governadores: há oito postagens contra governadores de estados, sendo que duas são contra Camilo Santana (PT-CE), duas contra João Doria (PSDB-SP), uma contra Wilson Witzel (PSC-RJ), uma contra João Doria e Wilson Witzel, uma contra Helder Barbalho (MDB-PA) e uma contra Rui Costa (PT-BA). Em todos estes casos, trata-se de governadores que se posicionaram durante a crise da covid-19 contra o Governo Federal. Além dos adversários tradicionais, políticos do PT, governadores que haviam em alguma medida se aliado num primeiro momento a Bolsonaro são figurativizados como mentirosos, cínicos ou oportunistas. No caso do governador da Bahia: “Rui Costa, governador da Bahia, pede que prefeita de Porto Seguro invente 200 casos de coronavírus” (29/04/2020). Contra o governador do Ceará: “Governo do Ceará desativa leitos de hospital para receber mais recursos federais, mostra vídeo” (21/04/2020). Contra o governador do Pará: “Governador do Pará, Helder Barbalho, vai colocar presos para vigiar população em quarentena” (12/04/2020). Barbalho, neste caso, é mostrado como um



aliado de “bandidos”, que afligem o “cidadão de bem”. João Doria, especialmente, é figurativizado como debochado e festeiro, como nos seguintes casos: “João Doria participa de festa em Araçatuba (SP) durante quarentena do coronavírus” (20/04/2020); por intermédio de sua família, “Filho de João Doria dá festa de aniversário com 200 pessoas durante quarentena do coronavírus” (12/04/2020).

e) Negação da existência da pandemia ou de sua gravidade: neste grupo estão postagens verificadas pelo Boatos.org que negam que a pandemia do novo coronavírus esteja ocorrendo, ou pelo menos tentam convencer o enunciário, apelando a falsos dados, de que ela não é de fato perigosa. Neste caso estão textos como: “Tabela do Datasus mostra mortes ocorridas em 2020 e aponta que Covid-19 não é grave” (15/04/2020); “Caixões vazios estão sendo utilizados em enterros coletivos de Manaus (AM)” (23/04/2020); “Número de mortes diárias por Covid-19 caiu por causa de investigação de Nelson Teich e Sérgio Moro” (23/04/2020); “Médico da UPA de Belém coloca Covid-19 como causa da morte de vítima de pneumonia” (13/04/2020); “Enfermeira Sandra M. Guerra foi demitida por postar vídeo de UTI vazia na Bahia” (23/04/2020). O enunciador questiona a gravidade ou existência de um problema de saúde pública, negando o que estava sendo mostrado nos meios de comunicação tradicional por uma estratégica denúncia de procedimentos falsos. Assim, políticos, agentes de saúde, imprensa, “mentem” sobre a pandemia, e são “desmascarados” pelas “notícias verdadeiras”, segundo o enunciador das *fake news*. Subentende-se que há, segundo o enunciador, uma conspiração de todos esses actantes; eles buscam inflacionar dados, propiciar imagens midiáticas e manchetes, para criar pânico na população por interesses escusos.

f) Falsas promoções: o website reconheceu nesse período a falsidade de seis notícias que tratam de promoções que garantem prêmios ou vantagens para quem compartilhar determinada notícia. O objetivo pressuposto desse tipo de *fake news* é aumentar a velocidade de circulação de determinados conteúdos. São casos como: “Brasil sem Miséria e governo dão cesta básica para quem compartilhar link no WhatsApp” (29/04/2020); ou “Petrobras dá três meses de combustível grátis para quem compartilhar link no WhatsApp” (29/04/2020).

g) Contra o PT: o Partido dos Trabalhadores aparece de maneira genérica (não vinculado aos seus governadores, que adicionamos a outra rubrica), como antissujeito insidioso, pronto a engendrar tramas contra Bolsonaro, fazendo com que a gravidade da pandemia seja maximizada, como em: “PT manda enterrar caixões vazios para dar golpe em Bolsonaro” (25/04/2020). Ou então, como uma malta de assassinos frios, assim figurativizados “Médico petista matou 11 pacientes em pesquisa para desacreditar a eficácia da cloroquina” (18/20/20). Para finalizar, uma figurativização mais contida, dentro do âmbito da política tradicional, mas que busca mostrar o partido tentando obter vantagem em meio à crise: “Haddad diz que Lula na presidência é a solução da crise do coronavírus” (09/20/20).

h) Sobre o auxílio emergencial: três notícias no período buscam confundir o enunciatório com falsas informações a respeito do auxílio emergencial, a saber: “Governo cancela pagamento do auxílio emergencial de R\$ 600 porque está sem dinheiro” (23/04/2020); “Caixa bloqueou Auxílio Emergencial de 187 mil pessoas que compraram eletrônicos após receber benefício” (30/04/2020); “Auxílio Emergencial está atrasado porque 170 milhões de brasileiros tentaram se inscrever no APP” (30/04/2020). Ao contrário dos demais vistos até agora, este grupo é tendencialmente negativos ao governo central, que está distribuindo o auxílio, e a ele é associado, ainda que seu valor final tenha sido criado pelo poder legislativo.

i) Outros: os restantes 17 posts lidam com temas variados. Destes, cremos ser interessantes para a análise mais detalhada duas delas. A primeira, tenta criar uma falsa sanção positiva de um importante órgão internacional, o Banco Mundial, a respeito da atuação do governo brasileiro durante a pandemia: “Banco Mundial escolhe Brasil como melhor país no combate ao coronavírus” (11/04/2020). A segunda, é a única na qual o presidente Bolsonaro é figurativizado de forma negativa, como tendo mentido a respeito de uma hipotética contaminação pelo vírus da covid-19, da seguinte forma: “General Heleno diz que Bolsonaro teve coronavírus em post no Twitter” (28/04/2020). Nesse caso, foi preciso convocar a figura de um militar de alto escalão, o chefe do Gabinete de Segurança

Institucional, para atuar como destinador a negar a sanção positiva ao protagonista Bolsonaro.

Vamos observar que o simulacro criado pelas *fake news* é o de um contrato de comunicação entre um enunciador que “revela a verdade” escondida pela mídia tradicional, e um enunciatário, um sujeito da espera, que da posição de vítima do engano por parte de um antiadjuvante malicioso, passa à do saber. Como dissemos, nem sempre isto é posto no texto, mas na maior parte dos casos é pressuposto (DUCROT, 1987). O enunciado é constituído a partir de um jogo espectral com a mídia: assim, o que está pressuposto no contrato de comunicação é que o jornalismo tradicional desinforma, ele, sim, “produz *fake news*”. E para efetivar-se o simulacro, os textos apelam a técnicas jornalísticas, criando manchetes, lides, citando “fontes” científicas e autoridades, de formas compatíveis com o preconizado pelos manuais de redação.

Com base no que vimos até agora, podemos afirmar que nas notícias falsas verificadas pelo Boatos.org predominam enunciados que buscam se enquadrar no programa discursivo de base da direita bolsonarista. Há algumas neutras no jogo político, e são potencialmente prejudiciais três delas, a respeito de dificuldades no pagamento de ajuda emergencial, que somam-se a mais uma, sobre suposta falsidade de Bolsonaro ao dizer-se não contaminado pela doença. Analisemos, portanto, a massa de textos que indicam terem sido produzidos por um enunciador governista.

Além de, como afirmamos, haver pressuposto o descrédito da instituição da imprensa, cuja credibilidade e independência são índices da qualidade das democracias liberais, grande parte das tematizações postas no texto solapa as bases conceituais da pesquisa científica. Esta necessariamente passa por etapas, que começam em hipóteses, seguem por provas e contraprovas, publicações e aceitação pelos pares. As *fake news* parasitam esta ordem, emulando o discurso da ciência, em última instância causando confusão a respeito dos resultados das pesquisas, e portanto do próprio arcabouço no qual elas são geradas.

Sobre a relação entre os países, salvando-se menções de exceção, sobrepõem-se o tema da China, cujo governo é figurativizado como Outro malévolo. Esta abordagem é totalmente compatível com as premissas de uma política internacional bolsonarista

que criou um alinhamento automático com os Estados Unidos do governo Trump, em disputas cada vez mais acerbadas com os asiáticos. Eventuais problemas no combate à pandemia, mostrados na mídia tradicional, são ressignificados pelas *fake news* sob a perspectiva da criação de um inimigo externo, “verdadeiro responsável pela crise”.

O enunciador das *fake news* é contrário às políticas de isolamento e aos governadores que as adotaram. Para se posicionar dessa maneira, por vezes precisa negar a gravidade da doença ou sua própria existência e, dessa forma, os que buscam maximizá-la – como se os políticos que ocupam cargos nos estados ou aqueles ligados ao PT quisessem apenas um pretexto para prejudicar Bolsonaro, mesmo que para isso tenham que apelar a atos escabrosos, como enterrar caixões vazios ou assassinar pessoas.

As tematizações dizem respeito a instituições tradicionalmente associadas ao funcionamento da ordem democrática liberal, que são figurativizadas como o Outro malévolos. Como vimos, pressupostamente a imprensa não tem credibilidade; mas também não a tem políticos de oposição; médicos, cientistas, universidades, representantes em geral da ciência. Todos estes actantes estariam mancomunados para fazer a população desconhecer a verdade e sofrer.

3. Circuito dos afetos

Vamos ver a partir de agora o desdobramento do circuito dos afetosⁱⁱ. É possível depreender, a partir do exposto acima, que o enunciatário da *fake news* é convocado a crer no rompimento de um contrato fiduciário. Que contrato é este? O da existência de uma esfera pública no sentido de Habermas (2014), na qual a troca comunicacional cria uma intersubjetividade onde se produzem “verdades”. Nas sociedades liberais democráticas, esse espaço de interincompreensão regrada, para falar como Maingueneau (2005), é cristalizada em instituiçõesⁱⁱⁱ. No caso brasileiro, é possível precisar o momento histórico no qual o contrato da democracia liberal foi proposto, a saber, o período de redemocratização, do qual resultou a “Constituição Cidadã” de 1988. E justamente a imprensa, a política partidária, a universidade, as organizações, que deveriam garantir a existência do contrato original, são figurativizados como enganadores pelo enunciador das *fake news*. O – chamemo-lo assim, em homologação aos enunciados da direta – “ci-

dadão de bem”^{iv} sente-se enganado por aqueles que deveriam demonstrar boas intenções para participar da troca linguageira na esfera pública.

O enunciatário, assim, frustra-se porque, como diz Greimas (2014, p. 235), está privado de um bem ou de uma vantagem com os quais acreditava poder contar, mas por intermédio de um outro sujeito. Isto pode ser dito como: o sujeito da espera manifesta um *querer-ser* que depende do sujeito da ação; este sujeito da espera, portanto, atribui ao sujeito da ação um *dever-fazer*, colocá-lo em conjunção com um objeto de valor. Fri-se-se que não é necessário que de fato outrem lhe tenha prometido algo: “Trata-se da construção de simulacros, desses objetos imaginários que o sujeito projeta para fora de si e que, mesmo sem ter qualquer fundamento intersubjetivo, determinam, de maneira eficaz, o comportamento intersubjetivo considerado como tal” (GREIMAS, 2014, p. 238).

O próximo passo nesse sistema é o descontentamento, com o outro e consigo mesmo, descrito da seguinte forma pelo autor franco-polonês:

À insatisfação que surge após a não atribuição do objeto de valor se soma eventualmente outra espécie de mal estar, decorrente de comportamento do sujeito de fazer, que é interpretado como não conforme à espera. Como esse comportamento, que aos olhos do sujeito da espera fiduciária está modalizado por um dever-fazer, não se realiza, o crer do sujeito de estado se revela de súbito injustificado. A decepção que resulta daí é uma crise de confiança de um duplo ponto de vista, não somente porque o sujeito 2 frustrou a confiança que tinha sido depositada nele, mas também – e talvez sobretudo – por que o sujeito 1 pode se culpar pela confiança mal depositada. [...] Essas duas formas de disforia, em conjunto, são provocadas pela “frustração” e constituem, segundo os dicionários, o “vivo descontentamento” que conduz à explosão da *cólera*. (GREIMAS, 2014, p. 241)

A benevolência que caracteriza as relações intersubjetivas confiantes cede lugar então à malevolência, que regerá as novas relações, como se as relações contratuais tivessem sido substituídas por relações polêmicas. O ódio pode derivar em cólera, uma exacerbação que domina o sujeito, ou num programa narrativo mais organizado, de vingança, que tornará o sujeito de espera frustrado, por sua vez, em sujeito de ação, para infringir o mal e devolver assim o dano anteriormente causado.

4. Considerações finais

Num ambiente de polarização, os enunciadores das *fake news* realizam o trabalho semiótico de adaptar os “fatos”, pontualizantes, à plataforma discursiva dos polos, durativa, notadamente o da direita política, como vimos. As *fake news*, ao desacreditar as instituições da democracia liberal, erigidas a partir da redemocratização do Brasil, convocam um sujeito protomodalizado a crer no rompimento do contrato fiduciário. Criam assim um circuito de frustração, insatisfação e ódio, que pode levar a explosões de cólera ou programas narrativos de vingança. O ódio, contudo, não é dirigido de maneira direta e discreta ao sujeito da ação: partidos políticos, instituições científicas, universitárias, imprensa, que pressupostamente deveriam garantir o contrato mas são responsáveis pela frustração do sujeito da espera. O sistema de circulação faz com que a cólera desordenada ou a vingança bem arranjada sigam adiante, difratando-se e pervadindo espaços discursivos, criando um circuito ampliado de ódio que engolfa, assim, a sociedade brasileira.

Referências

BADIOU, A. **Para uma nova teoria do sujeito**: conferências brasileiras. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____. **São Paulo**: a fundação do universalismo. São Paulo: Boteimpo, 2009

BRAGA, J.L. La política de los internautas es producir circuitos. In: CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. (Orgs.). **Las políticas de los internautas**: nuevas formas de participación. Buenos Aires: La Crujía, 2012.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.

FONTANILLE, J. ZILBELBERG, C. **Tensão e significação**. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas, 2001.

GREIMAS, A.J. Sobre a cólera. In: **Sobre o sentido II**: ensaios semióticos. São Paulo: Edusp, 2014.

- GREIMAS, A.J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Ática, 1993.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. São Paulo: Unesp, 2014.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005.
- MATSUKI, E. Sobre o Boatos.org. In: **Boatos.org**. Disponível em: <<https://www.boatos.org/sobre>>. Pesquisa realizada em 15/05/2020. Online, 2020.
- MERRIAN-WEBSTER. Spin doctor. In: **Merriam-Webster Dictionary**. Disponível em <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/spin%20doctor>>. Pesquisa realizada em 19/05/2020. Springfield (Massachusetts-EUA): G. & C. Merriam Company, 2020.
- PEREIRA, H. P. ; PRATES, V. Fake profiles: the laugh, the derision, the reverse. In: CORREIA, J.C. ; GRADIM, A; MORAIS, R. (Orgs.). **Pathologies and dysfunctions of democracy in the media context**. Covilhã (Portugal): Labcom Communication & Arts, 2020.
- PORTAL IMPRENSA. **10+ da comunicação: fact-checking no Brasil**. Disponível em <<http://portalimprensa.com.br/imprensa+educa/conteudo/82115/10++da+comunicacao+fact+checking+no+brasil>>. Pesquisa realizada em 17/05/2020. São Paulo: Imprensa Editorial LTDA, 2020.
- PRADO, J.L.A; PRATES, V. (Orgs.) **Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.
- PRADO, J.L.A; PRATES, V. O afastamento de Dilma Rousseff: afetos e discursos em disputa na política. In: **Famecos**. V. 26, n. 2. Porto Alegre: PUC-RS, 2019a. _____ . O significante “povo brasileiro” na crise política do *impeachment* de Dilma Rousseff. In: GUAZINA, L; PRIOR, H.; ARAÚJO, B. **(Des)construindo uma queda: a mídia e o impeachment de Dilma Rousseff**. Florianópolis: Insular, 2019b
- SAFATLE, V. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Cosacnaify, 2015.
- SOUZA, J. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro**. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
- ŽIŽEK, S. **Event: a philosophical journey through a concept**. Londres: Penguin Books, 2014.

i Entre parênteses, referimos as datas de publicação.

ii Este termo é investigado de maneira profunda por Vladimir Safatle (2015).

iii Como, no entanto, já adverte o próprio Habermas, nesse processo de institucionalização há um necessário decaimento do *Lebenswelt*, de forma que o arcabouço institucional das democracias liberais está sempre à borda de negar as premissas nas quais se funda, e assim provocar frustração.

- iv Tenhamos clareza neste ponto. Podemos concordar, por exemplo, com Jessé de Souza (2019), ou Christian Dunker (2015), que falam em “elite do atraso” ou “sujeito condominializado”, referindo-se a este grupo político, que de fato não estaria interessado no aprofundamento da esfera pública, antes pelo contrário. No entanto, quando analisamos os afetos circulantes nos contratos de comunicação, trata-se de uma relação simulacral, ou seja, de um enunciador e um enunciatário que têm existência semiótica nos textos.